

## **“OCEANO” DE DJAVAN: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA LACANIANA**

<sup>1</sup>PIRES, D. F.; <sup>2</sup>TAVARES, L. A. T.

<sup>1,2</sup> Departamento de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

### **RESUMO**

O trabalho apresentado visa explicitar alguns conceitos introdutórios da teoria de Jacques Lacan através de uma leitura interpretativa da composição “Oceano” de Djavan. O objetivo desta pesquisa foi, através das associações da composição, entender sobre quais significantes a canção circula. Portanto, a finalidade deste estudo não foi a de analisar o discurso do eu, mas o movimento de articulação do discurso do Outro, pois esta é a forma que capacita a revelação do desejo. Não houve a presunção de examinar a pessoa Djavan e nem mesmo de classificar suas obras, a proposta foi a de que através da análise da composição fosse possível entender alguns conceitos da psicanálise. Através do estudo percebeu-se o desejo do sujeito se articulando na demanda de amor ao Outro em um pedido de restituição de um estado, suposto, anterior de complementação. Na canção toda foi possível observar a busca por algo que significantizasse a falta do sujeito, mas que é impossível, pois não existe esse significante, é furo. Ao final da canção, interpreta-se que o sujeito se dá conta de sua falta estrutural havendo então a constituição do sujeito como desejo, de que é um ser faltante, reconhecendo que precisa do outro. Percebeu-se nesta análise que não é necessariamente o amor que faz o sujeito buscar, mas sim o desejo de se manter numa posição de desejante.

**Palavras- chave:** Demanda. Desejo. Psicanálise.

### **ABSTRACT**

This work intends to explain some basic concepts of the theory of Jacques Lacan through an interpretive perspective of the song "Oceano" by Djavan. The objective of this research was, through the associations of the composition, to understand the signifiers over which the song circulates. Therefore, the purpose of this study was not to analyze the discourse of the ego, but the movement of articulation of the discourse, as this is the way that empowers the revelation of desire. There was no presumption of examining Djavan as a person and not even of classifying their opus. The proposal was that by analyzing the composition, it was possible to understand some concepts of psychoanalysis. Through the study it was noted the subject's desire articulating the demands of love for the Other in a request of refunding a supposed state, which is prior to completion. Through the entire song we could observe the search for something that "signified" the lack of the subject, but that's impossible, because this signifier doesn't exist, it is a hole. At the end of the song, it is interpreted that the subject is aware of his structural lack, therefore occurring a constitution of the subject as desire, as a missing being, recognizing that it needs the other. It was realized through this analysis that it is not necessarily love that makes the subject seek, but the desire to maintain itself in a position of desiring.

**Keywords:** Demand. Desire. Psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

A composição de uma música é a tentativa de realização de desejo, e como o inconsciente só se apreende ao pé da letra (FINK, 1998), a partir da análise da composição “Oceano” será possível perceber o desejo que desliza.

Não há a presunção de examinar a pessoa Djavan e nem mesmo de classificar suas obras. Existe aqui a proposta de que através da análise de “Oceano” seja possível entender alguns conceitos da psicanálise.

Para isso, necessário se faz percorrer a história da carreira de Djavan a fim de entender o mecanismo de suas composições – essa trajetória é realizada através de dados disponíveis no site oficial do cantor (DJAVAN, 2009) –, e logo após, traçar uma introdução à teoria de Lacan – possibilidade esta alcançada com base nas obras de psicanálise da biblioteca das FIO e acervo particular.

Expõe-se que Djavan Caetano Viana, o consagrado cantor e compositor brasileiro, nasceu em 27 de janeiro de 1949, em Maceió (AL). Antes de se interessar pela música, Djavan ganhava a vida jogando futebol. Foi na adolescência, aprendendo violão sozinho, que brotou a paixão pela música. Aos 18 anos formou o conjunto LSD – Luz, Som, Dimensão e em 1973 mudou-se para o Rio de Janeiro para investir em sua carreira musical.

Djavan diz que gosta de cantar, mas que precisa compor, e que o ato da composição é solitário. Existem somente algumas pessoas que foram parceiros do artista, como, Aldir Blanc, Caetano Veloso, Orlando Moraes, Arthur Maia e Dominginhos, pois para Djavan a parceria não se trata de jogada comercial, há de envolver amizade e afetividade.

Djavan gravou seu primeiro LP em 1976, inscrevendo “Flor de Lis” na posteridade, já seu primeiro álbum, “Djavan”, foi lançado em 1978 pela gravadora EMI-Odeon.

Em 1989 lançou seu 9º álbum, “Oceano”, que impulsionou o artista de volta às paradas de sucesso do país. A música “Oceano” foi incluída na trilha sonora da novela “*Top Model*”.

De acordo ainda com seu site oficial, Djavan trabalha sem se preocupar com classificações, há informação também de que ninguém, até hoje, conseguiu classificar o artista, pois sua música é marcada por fusões de ritmos e harmonias inovadoras.

Característica marcante de sua carreira é a opção de não privilegiar música de outros compositores, observa-se somente no álbum *Malásia* (1996) o registro destes raros momentos. Diz-se que o artista precisa identificar-se com a música para gravá-la.

Percorrendo por sua vida e obra, percebe-se que Djavan mergulha em suas canções e canta com emoção, não interpretando músicas com as quais não se identifica, portanto, assim como “Oceano”, compreende-se suas composições como carregadas de sentimentos, não apenas interpretadas pelo cantor, mas compostas por ele.

Após esse estudo, para que fosse possível, através das associações da composição, inferir sobre quais significantes a canção circula, se fez necessário adentrar a psicanálise à luz da teoria de Jacques Lacan.

“A descoberta freudiana do inconsciente é a de que ele tem leis e é composta por desejo, sobre o qual nem sempre o sujeito quer saber.” (QUINET, 2008, p. 21).

Para a psicanálise o sujeito é desejo e todo homem é impulsionado à decifração desse desejo, mas existem obstáculos ao saber (QUINET, 2008).

“O sujeito é o caminho forjado entre significantes; em outras palavras, o sujeito é, de certa forma, o que liga os significantes uns aos outros.” (FINK, 1998, p. 102).

Quinet (2008) expõe que o inconsciente é constituído pelo desfilamento dos significantes, em outras palavras, é uma cadeia de significantes “[...] tais como palavras, fonemas e letras, que se ‘desdobra’ de acordo com regras muito precisas sobre as quais o eu e o *self* não possui nenhum tipo de controle.” (FINK, 1998, p. 26).

Esta propriedade de deslizamento dos significantes diz respeito a uma das propriedades do inconsciente já descrita por Freud, na qual ele diz que uma vez inconscientes, as representações (significantes) psíquicas tendem a se associarem – uma aglutinação – pelas vias do deslocamento e condensação.

Lacan utiliza-se da metáfora para mostrar o que Freud chama de condensação, e de metonímia o que por Freud é chamado de deslocamento. O avanço do Lacan é dizer que tais mecanismos obedecem a lógica de determinação significativa (QUINET, 2008).

Na teoria de Lacan a metáfora é a substituição de um significante por outro significante, no qual o seu efeito poético deixa em suspenso o significado (QUINET,

2008), já a metonímia “[...] é a articulação de um significante ao outro por deslizamento.” (QUINET, 2008, p. 33).

“Se a metáfora é aquilo que constitui o sintoma, a metonímia é o que dá a característica do desejo.” (QUINET, 2008, p. 32), pois “A falta de significação própria da cadeia significante corresponde ao reenvio da significação de significante em significante próprio a associação livre.” (QUINET, 2008, p. 32), ou seja, o desejo é marcado pela falta, por aquilo que não se tem.

O postulado fundamental da psicanálise diz que a estrutura do sujeito se organiza a partir de um furo. Esse furo organizador na estrutura é correlato ao conceito de objeto perdido, o que implica que aquilo que poderia dar satisfação ao sujeito é perdido desde sempre como condição necessária ao desejo, que por definição é insatisfeito. (QUINET, 2008, p. 87).

Por estas palavras, é pertinente salientar que a busca do objeto perdido é o que constitui o desejo, sendo que este, a rigor, não tem objeto, pois o objeto do desejo é “aquele” que causa desejo e que nunca será satisfeito. O desejo não tem objeto como tal, ele tem uma causa, o objeto *a*, a causa do desejo (QUINET, 2008).

O desejo é articulado através da demanda, ou seja, é através das palavras que desliza o desejo.

O enunciado é a própria dimensão da demanda, a qual não visa a um objeto e sim ao Outro a quem dirijo a minha fala: ela é um apelo ao Outro. O que caracteriza a demanda não é apenas a relação de um sujeito com outro sujeito, mas o fato de que essa relação se dá por intermédio da linguagem através do sistema de significantes. Isso leva Lacan a identificar a cadeia de significantes à demanda; assim, conseqüentemente, toda fala é uma demanda. (QUINET, 2008, p. 89).

Quinet (2008) ainda esclarece que toda demanda é demanda de amor, demanda de amor por onde circula o desejo como desejo de outra coisa.

Portanto, o objetivo da presente pesquisa não é analisar o discurso do eu, mas o discurso do Outro, ou seja, analisar as palavras que surgem de algum outro lugar que não o da fala do eu.

Não é possível ter acesso ao desejo inconsciente, pode-se somente indicar sua ex-sistência, ou seja, a insistência de desejo em sua existência.

Cessando a preocupação de realizar o equívoco de um estudo á procura de dar sentido a esta canção, o que se pretende então, esclarecendo, é observar o seu efeito de significação.

## DESENVOLVIMENTO

Com base no breve estudo da teoria de Lacan, segue a interpretação de “Oceano”:

Assim que o dia amanheceu, lá no mar alto da paixão,  
Dava pra ver o tempo ruir,  
Cadê você que solidão, esquecera de mim.  
Enfim de tudo o que há na terra não há nada em lugar nenhum  
Que vá crescer sem você chegar  
Longe de ti tudo parou,  
Ninguém sabe o que eu sofri.

“Acima de todas as demandas específicas formuladas pelo indivíduo, é sempre o amor que ele procura.” (FINK, 1998, p. 114).

Nesta canção o sujeito se mostra sozinho, abandonado, sendo possível observar que ele está escamoteando a causa de seu desejo, pois, ao pronunciar que nada irá crescer, irá viver sem a presença de um outro ele confunde a causa de seu desejo com sua demanda de amor, um pedido de reconhecimento. Percebe-se que o sujeito da canção coloca sua obra na posição do Outro da demanda, para quem ele direciona suas demandas de afeição e importância.

“O neurótico, para não querer saber sobre a causa de seu desejo, tende a confundir o objeto com a demanda.” (QUINET, 2008, p. 105). O autor diz também que a demanda de amor para o neurótico é essencial e que a carência é o protótipo do neurótico.

Mas qual é o objeto que propriamente causa o desejo deste sujeito? A própria falta, o furo, podendo assim nomear a causa do desejo como objeto *a*.

“O desejo inconsciente se articula na demanda, circula nos significantes da demanda.” (QUINET, 2008, p. 113).

Pode-se então, ressaltar que é através da fala do sujeito que desliza o desejo inconsciente. Neste trecho é revelado esse desejo, o desejo pela completude, por aquilo que não se tem.

Amar é um deserto e seus temores,  
Vida que vai na cela dessas dores,  
Não sabe voltar,  
Me dá teu calor.

“[...] um significante não se define pelo significado e sim por outro significante, com o qual ele vai estar em oposição.” (QUINET, 2008, p. 40).

Portanto, só é possível definir o que é amar para o sujeito de “Oceano” através do significante “amar” em oposição ao significante “deserto e seus temores”, na qual aparece o efeito de significação do amor como um vazio, constituído de medos.

Ainda, demonstra-se que “Na demanda há sempre um pedido de restituição do *status quo ante*, de um estado anterior de complementação que o sujeito supõe existir ou ter existido.” (QUINET, 2008, p. 88).

Esta afirmação de Quinet aparece neste trecho da canção, ou seja, aqui nota-se o aparecimento da demanda com o pedido de restituição do *status quo ante* na fala “me dá teu calor”, no qual o sujeito clama pelo ser inteiro – o bebê: sua majestade.

Vem me fazer feliz porque eu te amo,  
 Você deságua em mim e eu Oceano,  
 E esqueço que amar é quase uma dor.  
 Só sei Viver se for por Você.

Através da metáfora “você deságua em mim e eu oceano” é possível pensar sobre o estudo de Freud (2006) em seu texto “O mal-estar na civilização”, no qual discute o termo “sentimento oceânico” colocado em carta por seu amigo Romain Rolland.

Segundo Freud (2006), o sentimento oceânico é uma fase primitiva do sentimento do ego. Este sentimento diz de um desengajamento do ego com o reconhecimento de um mundo externo que pode ocorrer para evitar sensações de sofrimento e desprazer, no qual o ego isola tudo o que pode se tornar fonte de desprazer criando um ego de puro prazer, que sofre com o confronto de um ‘exterior’ estranho e ameaçador.

Freud (2006) expõe que o “sentimento oceânico” diz respeito a um elemento primitivo que se mostra preservado, pois nada do que uma vez se formou pode ser aniquilado. O autor diz ainda que o papel desempenhado por esse sentimento é a busca de algo como a restauração do narcisismo ilimitado, ou em outras palavras, a restituição do *status quo ante*.

Portanto, neste trecho, é possível a leitura de que o sujeito, para não se deparar com a falta estrutural, reclama, reivindica que o Outro não lhe falte e isso

sustenta a ilusão de uma totalidade. Conforme Quinet (2008), isso diz da fantasia, fantasia de completude, preenchimento, satisfação e bem-estar.

Assim, dizer que a metáfora apresentada na canção é uma fantasia de completude, é uma ilusão, é dizer que o sujeito se apega à representação do objeto a por meio do qual ele é capaz de ignorar sua divisão.

Existe, neste fragmento da canção, um deslizamento metonímico do objeto a ao objeto “oceano”. Este é um deslizamento fantasmático, pois diz de um estado anterior de complementação que o sujeito supõe existir ou ter existido.

Esclarecendo, “[...] nunca houve tal objeto, o ‘objeto perdido’ nunca *existiu*; ele é somente constituído após o fato, na medida em que o sujeito é incapaz de encontrá-lo em qualquer outro lugar que não na fantasia ou na vida onírica.” (FINK, 1998, p. 120).

Deste modo, esta canção tem a função de simbolização do desejo, na qual a metáfora é utilizada como uma possibilidade discursiva do sujeito formular sua demanda de amor, apesar de esta demanda o colocar como assujeitado frente ao Outro.

A partir da mesma metáfora, nota-se também o funcionamento tipicamente neurótico de “negociar” sua demanda, como se a Outra pessoa tivesse a obrigação de “lhe fazer feliz” uma vez que ele, o sujeito, a ama.

Por conseguinte, é possível observar no trecho “esqueço que amar é quase uma dor”, uma dimensão imaginária na qual o sujeito goza de seu próprio “mal-estar.”

“A metáfora traz um novo sentido ao mundo. Ela altera o sujeito como sentido.” (FINK, 1998, p. 95). Portanto, a simbolização do desejo imprime uma ordem à desordem pulsional desejante e é este o ganho da simbolização e da sublimação, é isto o que a metáfora afeta e modifica.

O sujeito busca por algo que significantize sua falta, que na verdade não tem significante, é o próprio sujeito (FINK, 1998).

Em toda a canção é expressa a demanda de amor e no trecho final “Só sei viver se for por você” é que o sujeito se dá conta de sua falta estrutural. Então há a constituição do sujeito como desejo, de que é um ser faltante, reconhecendo que precisa do outro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa composição é uma experiência de significação, na qual o sujeito é posicionado como tal a música toda, ele demanda e deseja, goza de seu “mal-estar” e simboliza seu desejo na fantasia da metáfora “Oceano”, mas sempre fica um resto: o real, pois nunca é possível sugar todo o real para dentro da ordem simbólica.

Se tal realização fosse possível, o desejo deixaria de existir e, como é sabido, não tem como desejar algo que se tem. Se isto fosse possível, a música não terminaria com o sujeito desejando a outra pessoa.

O desejo é uma busca constante por algo mais. Ele não procura satisfação e sim mais desejo e mais desejo.

Portanto, não é necessariamente o amor que faz ele buscar, mas sim o desejo de se manter numa posição de sujeito desejante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DJAVAN web site. **Trajetória**. Disponível em: <[www.djavan.com.br/main.php](http://www.djavan.com.br/main.php)>. Acesso em: 12 out. 2009.

FINK, Bruce. **O sujeito laciano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1998.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXI.

QUINET, Antonio. **A descoberta do inconsciente**: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.